



X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

QUAL PEDAGOGIA PARA QUAIS PRÁTICAS MUSEOLÓGICAS? ENSINO E APRENDIZAGEM NOS MUSEUS DE CIÊNCIAS

CARLOS JORGE DA SILVA CORREIA

JOSÉ LEANDRO FERNANDES DOS SANTOS

ANAMELEA DE CAMPOS PINTO

EIXO: 22. EDUCAÇÃO E PESQUISA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

Resumo: Neste texto, discute-se o trabalho pedagógico nos museus no que diz respeito ao ensino e à aprendizagem das ciências. Se assim o fazemos é tendo em vista que os museus representam uma possibilidade real de enfrentamento de certos desafios colocados no presente aos educadores. Neste trabalho, pelo menos dois destes desafios são analisados, quais sejam: a) a necessidade de *mobilizar* o interesse das pessoas em torno das aventuras da construção do saber e b) a potencialidade dos museus como *espaço* privilegiado para a formação das pessoas em geral e dos professores em particular. Por fim, sugere-se que os museus mais do que nunca precisam abrir um diálogo efetivo com os diferentes públicos que desejam alcançar, pois somente assim será possível promover ações museológicas representativas das comunidades nas quais esses equipamentos culturais se inserem. **Palavras-chave:** Ensino de Ciências, Educação em Museus, Mobilização, Relação com o saber. **Resumen:** En este trabajo, se discute el trabajo pedagógico en los museos en relación con la enseñanza y el aprendizaje de las ciencias. Si hacemos lo mismo ocurre con el fin de que los museos son una posibilidad real de hacer frente a ciertos desafíos a los cuales se le interesan a los educadores. En este trabajo, al menos dos desafíos se analizan, a saber: a) la necesidad de movilizar el interés de la gente en torno a la construcción de las aventuras de conocimientos y b) el potencial de los museos como un espacio privilegiado para la formación de las personas en general y de los maestros en particular. Por último, se sugiere que nunca antes había sido tan necesario a los museos abrir un diálogo eficaz con el público que desean lograr,

porque sólo así se puede llevar a cabo acciones museológicas representativas de las comunidades en las que estas instalaciones culturales están ubicadas.

Palabras clave: Enseñanza de las Ciencias, Educación en Museos, Movilización, Relación con el saber.

1 Introdução Este é um texto de caráter reflexivo, construído coletivamente por indivíduos com origem em diferentes áreas do saber, tais como Biologia, Geografia e Letras. Todos eles, contudo, guardam entre si trajetórias consistentes no campo da Educação e com este artigo buscam refletir acerca de que forma os museus podem ser entendidos como espaços para o ensino e a aprendizagem das Ciências. Além disso, cabe também informar que este artigo é uma versão revista e ampliada do texto original que serviu de base para que um dos autores integrasse uma mesa redonda^[iv] sobre Educação em museus à convite do Museu de História Natural da Universidade Federal de Alagoas. O texto reduzido que deu origem a este encontra-se em vias de publicação em outro evento. Em outras palavras, isto é o mesmo que dizer que boa parte das ideias e conceitos que trazemos à baila neste artigo foram compartilhados previamente com o público participante da mesa redonda mencionada, ao qual devemos, obviamente, os merecidos créditos pela relevante contribuição que nos deram ao nos ajudar a ampliar as discussões que estão que por ora apresentamos a partir de algumas considerações levantadas na ocasião. Assim, fica claro que com este trabalho, queremos, sobretudo, dar continuidade a discussões e problematizações acerca de práticas museológicas a partir de reflexões sobre de que forma os museus de Ciências, em especial, podem contribuir com a formação integral dos diferentes sujeitos de uma sociedade como um todo e para os indivíduos envolvidos com processos educacionais em particular. Se assim o fazemos é tendo em vista que os museus representam uma possibilidade real de enfrentamento de alguns desafios colocados no presente aos educadores. Mas, afinal, de quais desafios estamos falando precisamente?

Neste trabalho, iremos considerar pelo menos dois deles, quais sejam: a) a necessidade de *mobilizar* o interesse das pessoas em torno das aventuras da construção do saber, algo que muitos museus e centros de ciências tão bem realizam, e b) a potencialidade dos museus como *espaço* privilegiado para a formação das pessoas em geral e dos professores em particular. Assim, pois, são exatamente estas duas vertentes que discutiremos a seguir neste ensaio. E como o faremos?

Marcadamente a partir de reflexões sobre o que as noções de “mobilizar” (desde inspirações a partir de Charlot, 2005) e de “espaço” (desde o campo da geografia) podem nos dizer sobre estas problemáticas. **2 A mobilização em torno da construção do saber científico: O que os museus têm a ver com isso?**

Para que o aluno se aproprie do saber, é preciso que ele tenha ao mesmo tempo o desejo de saber e o desejo de aprender. Desejo de saber em geral

(matemática, história, etc.), desejo deste ou daquele conteúdo do saber. Desejo de aprender, isto é, desejo que eu aprenda. É preciso que haja uma mobilização do próprio sujeito em atividades determinadas, sobre conteúdos determinados. A questão que se coloca é: de onde e como vem o desejo de saber, o desejo de tal e tal saber?

De onde vem e como se constrói o desejo de aprender, esta mobilização intelectual que exige esforços e sacrifícios?

Esta é uma das questões fundamentais que os professores encontram a cada instante no cotidiano da sala de aula. Concretamente, na sala de aula, é a questão da aula *interessante* (CHARLOT, 2005, p. 55, grifo do autor). Com essa citação de Charlot (2005) sobre questões envolvidas com a relação com os saberes que as pessoas estabelecem ao longo da vida queremos abrir as discussões ao redor dos desafios de quem faz educação científica em museus, o que nos coloca desde já diante do objetivo principal deste texto: pensar acerca de como tornar interessante a experiência em museus de Ciências. Afinal, foi com esse intuito que participamos da já referida mesa redonda sobre educação em museus. Naquele momento específico, não aproximamos de nenhuma postura didática para apresentar qualquer roteiro que fosse que equacionasse estas questões envolvidas com a mobilização dos alunos/pessoas visitantes de museus. Contudo, neste texto, queremos apontar alguns caminhos para o enfrentamento deste desafio de mobilizar o interesse das pessoas em uma aula ou em uma exposição. Para tanto, recorreremos à didática das Ciências. Nesta direção, Selbach et al. (2010, p. 31-32) acreditam que pelo menos três aspectos devem ser considerados: 1) O que está proposto/exposto é “intrigante, coloca verdadeiros desafios à curiosidade e à inteligência” dos alunos/visitantes?

2) A disposição do que foi proposto/exposto ajuda os alunos/visitantes a “associarem os temas que aprendem na vida” com a experiência que estão vivendo?

e 3) Foram disponibilizados meios e ferramentas para que os alunos/visitantes possam buscar respostas?

Nesse sentido, acreditamos que aprofundar essas questões do que seria capaz de mobilizar o interesse de visitantes para o que é exposto nos museus exige-nos abordar o contexto em que se situam os museus no presente que se caracteriza por cenários em que a necessidade de formação

ao longo da vida tem implicado desafios significativos à educação, ainda que tais desafios sejam pouco pensados no âmbito das preocupações de quem educa nos museus. Estamos falando exatamente daquilo que Dierking (2005) argumenta ao constatar que os museus assim como outras instituições e meios de formação para além da escola têm correspondido, ou ao menos deveriam se interessar a corresponder, à crescente demanda das pessoas por uma aprendizagem autônoma. Isto é, dada a ampliação das necessidades formativas dos indivíduos por toda a vida é de se esperar que cada vez mais instituições como os museus venham a ser requisitadas a assumir um papel de centralidade no atendimento dos anseios de acesso ao conhecimento, acesso este que já não mais se restringe aos processos educacionais delimitados aos muros das escolas. Portanto, se em outros tempos históricos a função primordial dos museus no mundo e no Brasil esteve relacionada mais com a constituição de uma identidade nacional (SANTOS, 2008), hoje poderíamos deslocar, sem maiores dificuldades, esta dimensão da atividade dos museus para os processos de formação das pessoas em suas individualidades, sem desmerecer, com isso, qualquer proposta que resgate a sempre importante dimensão da identidade coletiva de um povo/território. O que estamos argumentando aqui é que, ao longo do tempo, a noção que temos das funções a serem desempenhadas pelos museus adquiriu novos sentidos, deslocando-se dos compromissos iniciais com a integração e coesão social em direção a uma aceção de museus enquanto instituições a serviço das pessoas (op. cit.). E isso tudo acabou por ensejar novas concepções e práticas museológicas, que, no presente, voltam-se muito mais para oportunizar àqueles que visitam os museus momentos de experimentação e reconstrução de conhecimentos científicos além de avançarem na direção da pesquisa, como nos fala Marandino (2005, p. 2):

A natureza e o papel educacional dos museus vêm se modificando nos últimos anos. Hooper-Greenhill (1994:3), ao analisar os estudos de educação e comunicação em museus, afirma que *o trabalho dos educadores se expandiu* e agora deve incluir também o desenvolvimento de exposições e a pesquisa. Desse modo, as ações educativas nos museus, apesar de terem às exposições como meio peculiares, ocorrem também em outros âmbitos desta instituição, incluindo investigações no campo da educação não formal (grifos nossos). Ou seja, é exatamente pelo fato de ter se

expandido em direção à educação não formal e à divulgação científica que os museus ao longo do século XX passaram a ganhar destaque no contexto das políticas públicas voltadas ao campo educacional. E como estamos argumentando, tudo indica que se ontem e hoje essa relevância existe, amanhã será muito maior. De tal sorte que todos nós que estamos de alguma forma envolvidos com ações educacionais em museus deveríamos nos ocupar de, pelo menos, duas perguntas, a saber: "Que ideias e concepções de educação fundamentam as ações educativas nos museus de Ciências?

Que modelos pedagógicos são tomados como referências no desenvolvimento dessas atividades?

" (MARANDINO e IANELLI, 2012, p. 18). Será que estamos nos ocupando com estas questões tão básicas ao pensarmos nossas atividades nos museus?

Que não seja entendida como retórica esta nossa predisposição em fazer e ampliar as referidas perguntas porque, de fato, preocupa-nos a impressão de que geralmente não estamos cientes da amplitude de nossas escolhas pedagógicas seja ao propor uma exposição museológica (para aqueles de nós que trabalham com educação em museus), seja ao visitarmos um museu (para aqueles de nós que trabalham em escolas). Obviamente, não pretendemos esgotar nesta breve comunicação os diversos caminhos possíveis de serem trilhados para responder as questões colocadas por Marandino e Ianelli (2012). Por outro lado, não nos furtaremos ao exercício que propor alguma solução aos problemas ora levantados, ainda que de forma preliminar. É, pois, com esta disposição, que daremos sequência ao texto com uma discussão sucinta acerca da noção de espaço e de como ela nos inspira a pensar um museu que acolha os seus visitantes. A ideia que temos não é outra senão encaminhar o debate em tela tendo as perguntas acima como pano de fundo para repensarmos os museus como espaços que precisam assumir cada vez mais protagonismo no ensino e na aprendizagem das Ciências, aprendizagem esta direcionada para as pessoas em geral, para os professores em formação ou mesmo aqueles em pleno exercício docente.

3 Os museus como espaço privilegiado para a formação das pessoas em geral e dos professores em particular A noção de espaço que trazemos para a nossa discussão envolve um complexo de ideias. Nesse sentido, é fundamental considerarmos que estamos abordando um conceito

que articula dimensões que vão desde a percepção visual, o tato, o movimento e o pensamento que se combinam para, assim, dar-nos o sentido característico que temos do espaço. Ou seja, trata-se de uma noção que envolve um certo grau de subjetividade presente na capacidade de reconhecer e estruturar a disposição dos objetos. O reconhecimento dos objetos implica o reconhecimento de intervalos e relações de distância entre os objetos e, pois, de espaço (TUAN, 1980). A ciência geográfica tem o espaço como o método principal. As diversas correntes do pensamento geográfico fazem suas devidas definições e interpretações, buscando dentro do seu campo teórico explicar o seu dinamismo e coerência. Não faz parte do nosso interesse aplicar esta ou aquela corrente do espaço como “a mais adequada” para repensar as dinâmicas desenvolvidas nos museus especificamente; nos importa, sobretudo, buscar subsídios dentro da Geografia que aludem a complexidade da aprendizagem nesses equipamentos culturais. Para isso, procuramos na abordagem humanística em Geografia, tendo como base os trabalhos realizados pelos geógrafos Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer e Edward Relph, atribuindo a fenomenologia existencial como filosofia subjacente para refletir e dialogar sobre: espaço, lugar, experiências e aprendizagem. Segundo Cristofolletti (1982), a fenomenologia utiliza como fundamento a experiência vivida pelos indivíduos, por isso o espaço é concebido como “espaço presente”, como contexto. Por isso, cabe aqui procurar entender e valorizar as experiências de “quem aprende” no contato com as possibilidades cognitivas nos museus, o que nos faz refletir se as nossas escolhas pedagógicas estão favorecendo uma ou outra conotação de museu: a que promove identificação dos visitantes com o que se está expondo, permitindo que tais sujeitos construam suas experiências de aprendizagem ou a que mantêm o privilégio do conhecimento para poucos. É importante salientar que as experiências abrangem o conhecimento do indivíduo e como ele constrói a realidade, isso envolve, portanto, diretamente os sentidos e a simbolização; isto é, a capacidade de aprender a partir da própria vivência. O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado (TUAN, 1983, p. 84). O lugar apresenta-se como um mundo de significados organizados, no qual o indivíduo se encontra ambientado e integrado; sendo os museus aqui situados como um lugar, a valorização e a percepção de suas características e particularidades vão gerar um entrelaçamento entre o grupo e o lugar; o

que Tuan (1980) vai chamar de Topofilia, que seria um elo afetivo entre a pessoa e o lugar. Com base em tudo que estamos argumentando, podemos afirmar que tal distinção de acesso à educação e a certos bens culturais se encontra estreitamente relacionada com a noção que temos do que são as escolas e do que são os museus e, principalmente, relaciona-se com a ideia que fazemos acerca de que nos servem esses espaços. Se são territórios excludentes, para poucos que “têm disciplina para o estudo” ou que “sabem se portar”, o que é muito comum de se ouvir mesmo entre educadores, se é assim que enxergamos a possibilidade de acesso qualificado à educação e à cultura que os museus podem oferecer, infelizmente muito pouco poderemos contribuir com a transformação da realidade da maioria dos jovens brasileiros no presente. Contudo, acreditamos que esta noção de espaço dos museus como um lugar para privilegiados deve ser desconstruída pouco a pouco por todos nós que nos ocupamos de enfrentar no dia a dia o desafio de ensinar e mediar a aprendizagem de crianças e jovens. Tal desconstrução nunca foi tão urgente e necessária, ainda mais se temos clareza ao ler o mundo em que vivemos hoje, marcado pelo paradoxo do excesso de informação que pouco se traduz em conhecimento, justamente porque nossos jovens não estão sendo educados para a fruição e o reconhecimento dos elementos culturais e científicos que alicerçam a nossa vida em sociedade. Toda essa discussão não nos isenta de perguntar: Estamos fazendo/discutindo a aprendizagem das Ciências no contexto dos museus para quem?

Quais são nossos reais objetivos frente à importância da experiência museológica para o ensino das Ciências?

A nós não nos parece tarefa ligeira essa de refletirmos se as atividades que propomos ou das quais participamos nos museus estão ou não alijando e impedindo alguns indivíduos de sequer adentrarem no espaço mesmo dos museus. Uma vez mais lançamos mãos de questionamentos. Nos museus, estamos sendo capazes de nos fazer entender pela maioria das pessoas?

Ou delimitamos um território de atuação específico e estamos muito bem assim trocando figurinhas entre iguais?

Falar que podemos edificar espaços excludentes a partir de nossas práticas educacionais pode soar exagerado à primeira vista, mas não nos enganemos acerca da concepção muitas vezes tradicionalista que marca nossas atuações nas escolas/museus, pois é inegável que...

Na concepção de educação há muito dominante, os governantes e os governados, assim como os educacionalmente privilegiados (sejam esses indivíduos empregados como educadores ou como administradores no controle das instituições educacionais) e aqueles que têm de ser educados, aparecem em compartimentos separados, quase estanques (MÉSZÁROS, 2008, p. 69). Assim, responder a esses questionamentos e enfrentar esta constatação de que nos fala Mézáros (op. cit.) além de nos esclarecer acerca dos nossos objetivos ao pensar a educação em museus há de nos falar também sobre o caráter democrático ou não da nossa prática pedagógica nesses espaços de educação não formal. É o caso, portanto, de nos situarmos a favor ou não de uma cultura de cidadania que reivindica a extensão da cultura e a generalização da educação para todo o conjunto da sociedade (GIL-PÉREZ e VILCHES, 2011). Neste ponto, é difícil ensaiar uma resposta a estes elementos sem mencionar o necessário diálogo comunicativo entre educando e educador dentro de uma problematização dialética que nem sempre tem sido considerado em nossas práticas educacionais. Pensamos que antes de qualquer coisa precisamos estabelecer algum tipo de canal de comunicação entre quem educa nos museus e quem visita os museus, para daí sim, passar a se ocupar com a dinâmica mesmo dos momentos em que nos propomos a educar *nos* e *a partir dos* museus. Refletir acerca do que Mézáros (op. cit.) coloca na citação anterior exige-nos este compromisso de nos enxergarmos nos processos educacionais que conduzimos nos museus e fora deles como agentes ou não da inclusão que, no fundo, todos nós almejamos. Contudo, será que estamos agindo em nome da emancipação dos indivíduos com os quais nos relacionamos no contexto dos museus ou apenas reproduzimos a domesticação dos sujeitos que nos visitam?

Sem maiores culpas, inclusive, desde que ninguém, ao fim e ao cabo da exposição, tenha ousado tocar nas peças expostas! Sim, toda esta problematização que estamos realizando carrega implicitamente notas e sugestões que podemos encontrar na Pedagogia que Freire (1987) nos propôs. E é muito fácil entender o porquê de Freire (op. cit.) nos inspirar esta discussão, pois quando colocamos a necessidade de refletirmos a dimensão política de nossas intenções e práticas pedagógicas queremos, com isso, evidenciar e interromper a dimensão reprodutora de desigualdades que tradicionalmente caracteriza a educação. Desigualdades

estas que se dão, sobremaneira, nas diferentes formas como se estabelecem o acesso e a permanência na escola e, ainda, a fruição de bens culturais observadas entre os filhos da elite e os filhos da classe trabalhadora. Por fim, não poderíamos concluir essas breves reflexões sem mencionar que os museus podem se constituir não somente em um espaço de formação generalista, mas também podem ser palco de importantes lições para a formação docente. E, neste contexto específico, destacamos os museus de Ciências como um espaço significativo para a formação de professores de ciências, pois como argumentam Gruzman e Siqueira (2007, p. 419) “integrar os recursos do museu e pesquisas de campo às práticas em ciências que ocorrem em sala de aula” é uma estratégia capaz de potencializar as práticas docentes em ensino de ciências. Contudo, esta é uma visão acerca dos museus pouco explorada pelas Faculdades de Educação que, geralmente, persistem em tratar na formação de professores apenas aspectos relacionados estritamente ao âmbito formal da educação. Logo, a pergunta que nos resta a fazer é: Como um professor de Ciências pode conceber os museus como uma extensão de sua sala de aula se esses espaços não foram palco da sua própria formação?

Obviamente, não estamos a defender determinismos, apenas acreditamos que uma coisa pode estar relacionada com o agenciamento da outra. Para Gruzman e Siqueira (2007, p. 402-403) este desafio pode muito bem ser superado se características tão peculiares aos museus, tais como a capacidade dessas instituições de suscitarem “encantamento, curiosidade, descoberta, diversão, prazer, passeio, sociabilidade, debate, pesquisa, trabalho de campo” forem adequadamente exploradas em nome da necessária transposição didática de conceitos científicos que podem ser trabalhados pelos professores com seus alunos em uma visita guiada a um museu de Ciências. O que estamos argumentando, aqui, é sobre a importância de construirmos um sentimento de pertencimento e representatividade entre quem visita os museus e o que se faz nos museus, em uma clara predisposição de colocar as atividades museológicas a serviço da sociedade, inclusive, no que se refere à sua alfabetização científica (GIL-PÉREZ e VILCHES, 2011). Até mesmo porque, não podemos esquecer, uma das necessidades que os museus em geral e os museus de Ciências em particular não podem deixar de encarar no presente é exatamente a tarefa de popularizar a ciência e a tecnologia por meio da recontextualização dos

conceitos científicos cruciais para a compreensão do mundo atual (SOARES, 2010). Exemplos desse tipo de conhecimento fundamental para a formação integral das pessoas no presente são os avanços da genética e os impactos da evolução dos computadores em nossos modos de vida. Sem dúvida alguma, tomar estes e outros temas científicos e tecnológicos atuais de interesse coletivo como pontos de partida para a proposição de exposições permanentes, temporárias e itinerante, bem como para atividades práticas de campo ou de laboratório e conferências e debates pode ser um caminho muito eficaz para empreender algum tipo de aproximação entre os processos de construção dos saberes científicos e a realidade que as pessoas vivem. O que, em última instância, há de promover novas aprendizagens sobre conteúdos científicos, dado que os processos educacionais em questão estariam se dando no contexto significativo de usos sociais que as próprias pessoas dão a conhecimentos e tecnologias.

4 Considerações finais Neste texto buscamos compreender um pouco sobre a natureza das relações que tecemos nos museus a partir tanto da perspectiva de educadores que trabalham nesse tipo de equipamento cultural quanto daqueles que nos museus estabelecem vivências para a efetivação de algumas de suas práticas educacionais. De fato, o texto que aqui apresentamos foi inicialmente escrito com esta função de abrir um caminho de diálogo entre pessoas interessadas em discutir a educação em museus e serviu, nesse sentido, como norteador de algumas discussões efetivadas em um evento já citado. Logo, neste momento em que devemos encaminhar a conclusão do artigo queremos retomar os pontos principais que foram analisados ao longo do texto para, agora, ampliá-los com algumas das considerações realizadas pelas pessoas que participaram da mesa redonda que deu origem a este escrito. Nesse sentido, começamos pela noção de que há um claro distanciamento entre a importância que a sociedade atribui aos museus e o exato prestígio que essa mesma sociedade dar às atividades realizadas nestes equipamentos culturais. Em outras palavras, verifica-se uma ausência de cultura relacionada à visita de museus, mesmo estas instituições tendo cada vez mais importância na formação das pessoas. Para compreendermos este paradoxo, aventou-se a sugestão de pensarmos a noção de espaço atrelada aos museus. Com isso, problematizamos a eventual construção de um território que, ao invés de incluir as pessoas a partir do compartilhamento de saberes, pode estar, de fato, segregando

aqueles que não se sentem representados pelas práticas desenvolvidas nestes espaços. Na sequência, sugeriu-se que os museus mais do que nunca precisam abrir um diálogo efetivo com os diferentes públicos que desejam alcançar, com a finalidade de compreender sua relação com os elementos que compõem a sua paisagem cultural, pois somente assim será possível empreender esforços adequados no sentido de promover ações museológicas representativas das comunidades nas quais estamos inseridos. Por fim, reafirmamos a centralidade dos museus de Ciências e de outras instituições envolvidas com a educação científica para a formação das pessoas neste século XXI, desafio este que nos coloca a todos nós educadores a necessidade de expandirmos nossas práticas educacionais para além dos muros das escolas.

5 Referências CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização:** questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005. CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, 1982. DIERKING, L. D. Lessons without limit: How free-choice learning is transforming science and technology education. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, v. 12 (suplemento), p. 145-60, 2005. FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. – (O mundo, hoje, v. 21). GIL-PÉREZ, D.; VILCHES, A. Importância da educação científica na sociedade atual. In: CACHAPUZ, A. et al. (Org.). **A necessária renovação do ensino das ciências.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 17-32. GRUZMAN, C.; SIQUEIRA, V. H. F. O papel educacional do Museu de Ciências: desafios e transformações conceituais. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 6, n. 2, p. 402-423, 2007. MARANDINO, M. Educação em museus de história natural: Possibilidades e desafios de um programa de pesquisa. **Enseñanza de las Ciencias**, n. extra, VII Congreso, 2005. _____; IANELLI, I. T. Modelos de educação em ciências em museus: Análise da visita orientada. **Rev. Ensaio**, Belo Horizonte, v. 14, n. 01, p. 17-33, jan./abr. 2012. MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital.** 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008. – (Mundo trabalho). SANTOS, G. L. **Ação educativa museal:** Marcas institucionais e registros documentais. 2008. 111 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. SELBACH, S. et al. **Ciências e didática.** Petrópolis: Vozes, 2010. (Coleção Como Bem Ensinar). SOARES, C. T. S. **O processo de significação da experiência museal:** Um estudo sobre o contexto pessoal de professores de ciências. 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Faculdade de Física, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. TUAN, Y. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência.

São Paulo: Difel, 1983. _____. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

[iv] O referido evento ocorreu na manhã do dia 17 de maio de 2016, ao longo das atividades do MHN/UFAL na 14ª Semana Nacional de Museus.

[i] Biólogo, Museu de História Natural (UFAL). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIM/UFAL). E-mail: carloscorreia1986@gmail.com

. [ii] Professor, Prefeitura Municipal de Atalaia e rede privada em Maceió. Especialista em Gestão Educacional e Coordenação Pedagógica. E-mail: leandrogealagoas@gmail.com

. [iii] Professora, Centro de Educação (CEDU/UFAL). Doutora em Educação (UFSC). Integra os Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIM), ambos do CEDU/UFAL. E-mail: anamelea@gmail.com

.

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 05/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: